



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**APROPRIAÇÃO CULTURAL DA ESTÉTICA NEGRA: INSITUTO GELEDÉS E O**

**DEBATE NO CIBERESPAÇO**

Talita Brasil e Silva

talitasilva.br@gmail.com

Universidade Federal do Ceará – UFC

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

No Brasil, as discussões que envolvem a temática da apropriação cultural ganharam destaque, sobretudo, pela história de formação do país, que envolve processos interativos intensamente marcados por diferentes tradições étnicas. Todavia, tais interações, em vários momentos, implicam relações conflituosas e, não obstante, resistência por parte de um ou outro grupo cujas práticas são apropriadas. Na atualidade, vemos o debate reascender no cenário brasileiro. A discussão figura não apenas no meio acadêmico, mas também em movimentos sociais, alguns deles fazendo repercutir o assunto de maneira significativa no âmbito do *ciberespaço*. Reconhecendo a complexidade da temática em questão e a intensidade com que esta tem repercutido, este artigo se propõe a compreender a dinâmica do debate sobre apropriação cultural de elementos da estética negra no cenário brasileiro e seus desdobramentos nos mecanismos de resistência ao racismo. Para tal, delimitou-se como campo empírico, as publicações veiculadas pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, especificamente em seu sítio na Internet e em sua página na rede social *Facebook*. Os dados apresentados como escopo deste trabalho foram obtidos mediante análise de conteúdo de seis artigos de opinião divulgados nos espaços virtuais do Instituto supracitado sobre o tema ora pesquisado, como também o espectro de opiniões dos leitores a partir de comentários por eles registrados em cada uma das publicações analisadas. Desta forma, os instrumentais metodológicos, aliados ao aporte teórico adotado nos permitem evidenciar que a noção de apropriação cultural aqui discutida está associada às práticas de esvaziamento de significado de determinadas manifestações culturais, bem como a invisibilização de quem as produz. Apresentamos ainda como elementos constitutivos do debate em questão, a reivindicação de visibilidade do povo negro por meio do protagonismo de determinadas manifestações culturais cujas origens remetem à tradição afro-brasileira; denúncias frente ao branqueamento, banalização e mercantilização de tais manifestações e de como essas práticas resultam na ocultação do racismo e tentativas de dominação, e por fim, reconhecer a estética negra como forma de resistência à opressão e ao preconceito étnico-racial. Dialogando com a temática em questão, trazemos como aporte teórico, as reflexões desenvolvidas por Oliven (1982), ao abordar como a dinâmica da produção e do consumo de cultura no Brasil transformou manifestações culturais, especificamente manifestações afro-brasileiras em símbolos nacionais, mascarando desta forma, opressões e conflitos étnico-raciais. Hall (1998, 2003) nos ajuda a refletir, a partir dos hibridismos culturais, que o processo das trocas firmadas é de todo complexo, sobretudo, quando estas se dão em contextos de dominação e violência. Podemos pensar que tais hibridismos se formam dentro da lógica de uma cultura que se mundializa, porém, como assinala Ortiz (1994), tal processo de mundialização é constitutivo de relações de poder, assimetrias e conflitos; hierarquiza gostos e comportamentos.

Palavras-chave: (Apropriação cultural, estética negra, ciberespaço)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

### ABSTRACT

In Brazil, the discussions involving the theme of cultural appropriation have been highlighted, above all, by the country's history of formation, which involves interactive processes intensely marked by different ethnic traditions. However, such interactions at various times imply conflictual relationships and nonetheless resistance by one or another group whose practices are appropriate. At present, we see the debate re-emerging in the Brazilian scenario. The discussion figures not only in academic circles, but also in social movements, some of which have a significant repercussion in cyberspace. Recognizing the complexity of the subject matter and the intensity with which it has reflected, this article aims to understand the dynamics of the debate about cultural appropriation of elements of black aesthetics in the Brazilian scenario and its unfolding mechanisms of resistance to racism. To this end, the publications published by Geledés - Instituto de Mulher Negra, specifically on its Internet site and on its social network page Facebook, were delimited as an empirical field. The data presented as a scope of this work were obtained through content analysis of six articles of opinion published in the virtual spaces of the above-mentioned Institute on the subject under study, as well as the spectrum of opinions of the readers, based on comments registered by each of them analyzed. In this way, the methodological instruments, combined with the theoretical support adopted, allow us to show that the notion of cultural appropriation discussed here is associated with the practices of emptying the meaning of certain cultural manifestations, as well as the invisibilization of those who produce them. We also present as constitutive elements of the debate in question the demand for visibility of the black people through the protagonism of certain cultural manifestations whose origins refer to the Afro-Brazilian tradition; denunciations of the whitening, banalization and commodification of such manifestations, and how these practices result in the concealment of racism and attempts at domination, and finally, to recognize black aesthetics as a form of resistance to oppression and ethnic-racial prejudice. Oliven (1982) discusses how the dynamics of production and consumption of culture in Brazil transformed cultural manifestations, specifically Afro-Brazilian manifestations into national symbols, masking the oppression and ethnic-racial conflict. Hall (1998, 2003) helps us to reflect, based on cultural hybridity, that the process of exchanges is complex, especially when these occur in contexts of domination and violence. We may think that such hybridisms form within the logic of a globalizing culture, but, as Ortiz (1994) points out, such a process of globalization is constitutive of relations of power, asymmetries and conflicts; hierarchical tastes and behaviors.

### Keywords

(Cultural Appropriation – Black Esthetics - Cyberspace)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introdução

Este artigo consiste em uma síntese dos achados iniciais de minha dissertação de mestrado; trabalho dedicado a investigar o debate em torno da ideia de apropriação cultural da estética negra no cenário brasileiro, tal como este tem sido apresentado no âmbito do ciberespaço, especificamente a partir de discussões suscitadas por Geledés<sup>1</sup> – Instituto da Mulher Negra, em seu portal na *Internet*<sup>2</sup> e em sua página na rede social *Facebook*<sup>3</sup>.

No Brasil, muitos são os espaços virtuais (*blogs*, sítios, redes sociais), sobretudo aqueles dirigidos por organizações feministas negras, em que a temática da apropriação cultural passou a figurar com frequência e relevância considerável. Meu interesse em conhecer tal assunto de forma mais aprofundada deu-se no de 2015, quando deparei-me com diversas matérias que faziam referência a certos acontecimentos relacionados ao universo da moda e suas implicações na ideia de apropriação cultural da estética negra. As matérias com as quais tive contato fazem referência, por exemplo, à forma como as *tendências* durante 2013/2014 aderiram ao uso das chamadas estampas étnicas – desenhos coloridos em formatos geométricos, grafismos, imagens de animais, enfim; elementos que remetem principalmente às matrizes culturais africanas<sup>4</sup>. Ainda como extensão da moda étnica, vimos a intensificação do uso do turbante – vestimenta que em alguns lugares do mundo é um símbolo que, para além dos significados sagrados, representa especificamente em tribos africanas o empoderamento da mulher negra.

Ainda em 2014, acontecimentos específicos envolvendo o cenário brasileiro foram destaque em tais discussões. No evento de moda *São Paulo Fashion Week* (SPFW), a grife *Tufi Duek* apresentou sua coleção outono/inverno atribuindo a inspiração de suas criações a

---

<sup>1</sup> “Geledé é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade”. Recuperado 23 de Junho, 2017 de: <http://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/#gs.WHQwkY>

<sup>2</sup> Recuperado em 14 de Outubro, 2017 de : <https://www.facebook.com/geledes/>.

<sup>3</sup> Recuperado em 23 de Junho, 2017 de: <https://www.geledes.org.br/>.

<sup>4</sup> Recuperado em 24 de Setembro, 2015 de: <http://www.glossyhouse.com.br/2013/07/tendencia-etnica/>.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

elementos tribais africanos<sup>5</sup>, entretanto, após a apresentação da referida coleção em tal evento, foram levantadas críticas sobre a intenção da grife em fazer referência a elementos da cultura africana, uma vez que naquele desfile não houve a presença de modelos negras representando as criações exibidas. O debate sobre apropriação cultural se fez presente mais uma vez quando a loja *Farm* também em 2014 lançou a foto de uma modelo branca para representar Iemanjá no dia comemorativo do Orixá<sup>6</sup>.

Outros dois acontecimentos ocorridos ainda ano de 2017 repercutiram nas redes de modo semelhante. O primeiro ocorreu em Fevereiro em uma estação de transporte coletivo na cidade de Curitiba, quando a jovem Thuane Cordeiro, foi questionada por uma moça negra sobre os motivos pelos quais estaria usando turbante, uma vez que não deveria fazê-lo por ser branca. Em relato nas redes sociais, Thuane expos o acontecido, argumentando que o uso do turbante seria uma forma de resgatar sua autoestima, já que ela havia perdido o cabelo durante o tratamento de um câncer<sup>7</sup>. Em Abril do mesmo ano, ao participar de uma festa de formatura na cidade de Uberlândia, Dandara Tonantzin, uma mulher negra, sofreu agressões físicas e teve seu turbante arrancado por um grupo de homens. A moça também usou as redes sociais para relatar ocorrido e interpretou o caso como manifestação de racismo<sup>8</sup>.

Reconhecendo a complexidade do assunto e a intensidade com que este tem repercutido nas *redes*, este artigo se propõe a apreender a dinâmica do debate sobre apropriação cultural de elementos da estética negra no cenário brasileiro a partir da forma como este se expressa nas discussões suscitadas pelo Instituto *Geledés* no âmbito do ciberespaço, especificamente em seu sitio na *Internet* e em sua página na rede social *Facebook*, evidenciando aspectos que atravessam o debate em questão, tais como a reivindicação de visibilidade do povo negro por meio do protagonismo de práticas culturais cujas origens remetem à tradição afrobrasileira.

---

<sup>5</sup> Recuperado em 23 de Setembro, 2015 de <https://www.youtube.com/watch?v=T6qCxuVsuww/>.

<sup>6</sup> Recuperado em 23 de Setembro, 2015 de <http://www.geledes.org.br/farm-representa-iemanja-com-modelo-branca-e-causa-polemica-na-web/#ixzz3PYLiRNdl>.

<sup>7</sup> Recuperado em 23 de Junho, 2017 de <https://www.facebook.com/thaune/posts/1929800557240170>.

<sup>8</sup> Recuperado em 23 de Junho, 2017 de <https://www.geledes.org.br/jovem-ativista-e-vitima-de-racismo-e-tem-o-turbante-arrancado-por-um-grupo-de-homens-em-festa-de-formatura/>.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dito isto, o objeto geral deste artigo consiste em compreender a noção de apropriação cultural empregada em tais discussões, de modo a identificar os possíveis elementos constitutivos do debate em questão. Assim, levantamos os seguintes questionamentos norteadores: Que quer dizer apropriação cultural em tal contexto? E ainda, quem são os agentes envolvidos em tais práticas de apropriação e quais os desdobramentos de suas ações?

Antes de aprofundarmos os pontos do parágrafo anterior, cabem aqui algumas palavras sobre o Instituto Geledés. *Geledés*<sup>9</sup>- *Instituto da Mulher Negra* foi criado na cidade de São Paulo em 30 de abril de 1988, tendo como missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral<sup>10</sup>. Atuando como uma organização não governamental, Geledés desenvolve uma série de ações que visam discutir a problemática da mulher negra como aspecto fundamental na discussão de gênero no contexto social brasileiro, e a questão racial de maneira geral. O Instituto alcançou reconhecimento internacional, recebendo vários prêmios, dentre eles, Prêmio Direitos Humanos - Ministério da Justiça – 1996, Diploma de Reconhecimento Direitos Humanos - Governo do Estado de São Paulo – 1997, o Prêmio de Direitos Humanos do Governo da França, em 1998, XVI PRÊMIO FRANZ DE CASTRO HOLZWARTH de Direitos Humanos - OAB/SP – 1999 , sendo também Vencedor do Desafio de Impacto Social Google I Brasil – 2014. suas principais equipes de trabalho: Direitos Humanos; Educação; Comunicação; Capacitação/profissionalização e Saúde.

Geledés orienta suas ações trabalhando de forma interseccional gênero, raça e classe social, somando à agenda feminista o combate ao racismo e às desigualdades, desenvolvendo diversos estudos de modo a subsidiar a implementação de políticas públicas em diferentes instâncias, colocando-se também como espaço de celebração de culturas africanas e afrodescendentes. Destaco neste artigo, a atuação do Instituto em seus espaços virtuais, a saber, o fomento do debate sobre apropriação cultural da estética negra, temática abordada de

---

<sup>9</sup> “Geledé é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade”. Recuperado em 23 de Junho, 2017 de <http://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/#gs.WHQwkY>.

<sup>10</sup> Recuperado em 23 de Maio, 2017 de [https://www.facebook.com/geledes/info?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/geledes/info?tab=page_info).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

forma recorrente em diversas matérias veiculadas por Geledés em seu sítio na *Internet*<sup>11</sup> e em sua página na rede social *Facebook*<sup>12</sup>.

### II. Marco teórico/marco conceptual

Oliven (1982), afirma que apropriação cultural se caracteriza quando manifestações culturais inicialmente restritas a determinados grupos passam a ser incorporadas pelo restante da sociedade. No Brasil, as discussões que envolvem a temática da apropriação cultural ganharam destaque especial, sobretudo pela história de formação do país, que envolve processos interativos intensamente marcados por diferentes tradições étnicas. Todavia, tais interações, em alguns momentos específicos, implicam relações conflituosas e, não obstante, resistência por parte de um ou outro grupo cujas práticas são apropriadas.

Dialogando com a temática em questão, o quadro conceitual deste artigo orienta-se pelas reflexões desenvolvidas por Oliven (1982), ao abordar como a dinâmica da produção e do consumo de cultura no Brasil transformou manifestações culturais, especificamente manifestações afro-brasileiras, inicialmente restritas a determinados grupos em símbolos nacionais, mascarando opressões e conflitos étnicoraciais.

Para compreender tal processo, o autor afirma que é necessário identificar em quais grupos essas manifestações se originaram, o que representam para eles, a forma como estas eram encaradas pelo restante da sociedade e em qual momento e por quais motivos elas foram apropriadas e reelaboradas.

Existem pelo menos dois movimentos opostos no processo de apropriação cultural. O primeiro corresponde aos mecanismos utilizados pela classe dominante para se apropriar e reelaborar manifestações culturais originalmente restritas às camadas populares e que frequentemente eram reprimas pelo Estado. O Segundo momento revela uma trajetória inversa, quando as classes populares reelaboram manifestações culturais restritas às classes dominantes e que lhes conferiam marcas distintivas (Oliven, 1982).

---

<sup>11</sup> Sítio recuperado em 23 de Junho, 2017 de <https://www.geledes.org.br/>.

<sup>12</sup> Recuperado em 23 de Junho, 2017 de <https://www.facebook.com/geledes/>.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O que há de comum entre esses movimentos é que em ambos a apropriação e reelaboração inserem determinadas manifestações culturais em um novo circuito, alterando seus significados originais. Porém, existem aspectos específicos a cada um desses movimentos.

No primeiro, as manifestações populares são a princípio rejeitadas e contra elas acionados aparelhos repressivos, tais como a polícia. Em um segundo plano, para que tais manifestações sejam aceitas pelas demais parcelas da sociedade, seus elementos mais “perigosos” são diluídos, domesticados. Em terceiro plano, entra a ação dos aparelhos ideológicos e da indústria cultural, que fazem uma recuperação, transformando tais manifestações em mercadorias exóticas. (OLIVEN, 1982).

Podemos citar o samba como exemplo de apropriação que se encaixa nesse primeiro momento. Antes de ser transformado em símbolo nacional, o samba foi duramente reprimido. Podemos citar o samba como exemplo de apropriação que se encaixa nesse primeiro momento. Antes de ser transformado em símbolo nacional, o samba foi duramente reprimido pela sociedade e pela polícia, o que matinha tal expressão musical restrita ao “morro”, onde se estabelecia a maioria negra e pobre. Somente depois, por interesse do Estado e pela intensificação da indústria cultural no Brasil, é que o samba alcança maior visibilidade. O samba, enquanto manifestação cultural sofreu diluição de suas marcas mais fortes para que se nacionalizasse.

Oliven chama atenção para o fato de que a “relação entre produtores e consumidores de cultura está presa a uma distinção de classe” (p. 72, 1982). Diante de tais considerações, o autor nos ajuda a refletir quais as implicações resultantes em termos hegemônicos, dos mecanismos de apropriação e reelaboração de manifestações culturais inicialmente restritas a determinados grupos e sua transformação em símbolos nacionais.

“Analisando os motivos pelos quais no Brasil os produtores de símbolos nacionais e da cultura de massa elegeram itens culturais produzidos originalmente por grupos dominados, Fry sugere que a incorporação destes símbolos apresentava vantagens políticas servindo para manter a dominação disfarçada sob outro nome, deste modo, ‘a conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais não apenas oculta uma situação de dominação racial, mas torna muito mais difícil a tarefa de denunciá-la. Quando se convertem símbolos de ‘fronteiras étnicas em símbolos que afirmam os limites da nacionalidade, converte-se o que era originalmente perigoso em algo



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

limpo, seguro e domesticado'. O que parece caracterizar o Brasil é justamente o fato de ser uma sociedade de imensas diferenças sociais e econômicas, na qual se verifica uma tendência de transformar manifestações culturais em símbolos de coesão social, que são manipulados como forma de identidade nacional". (OLIVEN, 1982, p.72-73).

Tomemos ainda as contribuições de Hall (1998), a partir da perspectiva das identidades híbridas, sobretudo quando estas se formam em contextos de dominação e violência, evidenciando que as trocas firmadas e intensificadas pelo fenômeno da globalização revelam-se complexas. Assim como podemos observar com os povos negros caribenhos, os povos africanos que chegaram ao Brasil por meio do processo de diáspora, tiveram suas identidades culturais ressignificadas meio a dominação imposta pelo modelo escravagista do projeto colonial, por tanto, observamos não apenas trocas culturais, mas também práticas racistas que foram disseminadas nesse contexto.

Estabelecendo um diálogo entre Hall e Ortiz (1994), podemos pensar que os hibridismos a que Hall se refere se formam dentro da lógica de uma cultura que se mundializa, porém, como assinala Ortiz, tal processo de mundialização fala de relações de poder, assimetrias e conflitos; hierarquiza gostos e comportamentos. Os elementos constitutivos do debate em questão – apropriação cultural da estética negra, somados à discussão teórica, nos levam a pensar, portanto, em resistências a certas interações quando estas envolvem, por exemplo, a incorporação de determinados elementos e símbolos produzidos por grupos que em dados momentos do curso histórico, foram invisibilizados e reprimidos, sobretudo, por questões que envolvem variáveis de ordem étnico-racial.

Entendendo a cultura como construção social que está sujeita a processos de ressignificação e deslocamentos, observamos que determinadas manifestações ultrapassam seus territórios de origem, sendo em dada medida, incorporadas aos costumes dos novos espaços em que se expressam. Hall (1998), nos ajuda a compreender como determinadas mudanças estruturais trouxeram consigo o deslocamento e a fragmentação das identidades.

Como exemplo de tais mudanças, o autor destaca o fenômeno da globalização; esta contribuiu para acelerar a diluição de fronteiras (tanto geográficas, como simbólicas), favorecendo assim, a aproximação cada vez mais intensa entre diferentes manifestações.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, a identidade aparentemente sólida e bem definida que caracterizaria o indivíduo da sociedade moderna, reconfigurou-se, na pós-modernidade como identidade cujas fronteiras tornam-se menos definidas. Certamente noções como modernidade-mundo e mundialização da cultura podem ser questionadas se pensarmos em termos de dominação mundial, sobretudo, quando se assume a crítica anti-imperialista de que existem centros difusores (como os Estados Unidos e Europa) e locais periféricos sujeitos à assimilação. De fato, Ortiz não elimina a influência de centros dominantes, mas afirma que tal concepção não se mostra suficiente para compreender as interações culturais, uma vez que esta toma cultura e economia como dimensões equivalentes. Em contraponto a essa visão, o autor afirma que a mundialização da cultura deve ser compreendida analisando o fenômeno da globalização enquanto processo. A dominação, contudo, não deve ser secundarizada. Ela é “um mecanismo interno de uma ‘mega-sociedade’ que se expande” (p. 97, 1994).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### III. Metodología

Como dito na introdução, as percepções iniciais que impulsionaram este trabalho foram estimuladas por informações veiculadas em espaços virtuais como sítios, *blogs* e páginas na rede social *Facebook*. Sendo assim, a proposta metodológica pensada para este artigo levou em consideração os impactos das novas tecnologias da informática e comunicação na pesquisa social. Sobre tais questões, Santos afirma:

“É necessária uma revisão das técnicas tradicionais de coleta de dados, incorporando os novos recursos disponíveis no espaço cibernético, especialmente aqueles que representam inovações no campo metodológico. Às técnicas de pesquisa tradicionais e à linguagem textual se incorporam novas formas de registro da expressão humana, provenientes de diversas fontes, especialmente das novas mídias digitais (vídeo, televisão, cinema e internet)” (2009, p.135).

Esta pesquisa apresenta caráter qualitativo, dada sua intencionalidade em “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão [...] bem como compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social estudado” (Gaskel, 2005, p.68-69). Desta forma, os dados apresentados como escopo deste trabalho foram obtidos mediante análise de conteúdo de seis artigos de opinião divulgados nos espaços virtuais do Instituto supracitado, bem como o espectro de opiniões dos leitores a partir de comentários por eles registrados em cada uma das publicações analisadas. Utilizei como ferramenta de acesso à tais informações as matérias divulgadas pelo Instituto em seu portal na *Internet* e também e em sua página na rede social *Facebook*.

Destacamos assim que *corpus* deste trabalho constituiu-se fundamentalmente pelo levantamento de informações contidas em materiais textuais – as publicações veiculadas por Geledés – e que a análise do fenômeno social aqui investigado – apropriação cultural da estética negra – orientou-se pela tentativa de reconstruir a percepção sobre tal fenômeno a partir das expressões discursivas evidenciadas em cada uma das matérias selecionadas, entendendo que estas são compostas de narrativas através das quais podemos identificar a construção de representações sociais (Santos, 2009).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### IV. Análise e discussão de dados

Tal como explicitado, o objeto desta investigação consiste em compreender a noção de apropriação cultural tal como esta tem sido abordada nas discussões suscitadas nas matérias divulgadas por Geledés aqui tomadas para análise. Anunciamos a princípio que a noção de apropriação cultural posta no debate em questão não implica uma interpretação literal que tal expressão poderia sugerir, a saber, a ideia de tomar posse de algo que não lhe pertence, e também não se trata de avaliar que indivíduos ou grupos estão aptos ou não a fazer uso de determinados bens culturais. Podemos apontar que a centralidade do debate em questão consiste na problematização de determinados usos e representações em torno de bens culturais associados a uma herança africana quando aqueles corroboram para a manutenção de uma estrutura social racista e excludente. Vejamos um trecho do artigo intitulado *A cultura negra é popular, as pessoas negras não são: as festas “neotropicalistas” e a apropriação cultural indevida*, veiculado pelo instituto *Geledés* em seu sítio<sup>13</sup> na *Internet* e em sua página na rede social *facebook*<sup>14</sup>:

As divulgações costumam explorar a estética “étnica”, “afro”, mostrando mulheres com turbantes, colares de contas (aludindo às guias e ilekês), cores quentes, padronagens. São festas alternativas às baladas de música bate-estaca, voltadas para o público descolado, universitário, que frequenta a Vila Madalena. Nessas pistas de dança é comum ver pessoas brancas carregando turbantes na cabeça, quando não cocares, pinturas aleatórias no rosto, dançando ao som de músicas brasileiras. A decoração não exita em utilizar imagens de orixás. Resumindo: são eventos que se apropriam de elementos afro-brasileiros [...] para fazer dinheiro [...] essa banalização e mercantilização da cultura e religião afro-brasileira é muito desrespeitosa com o povo de terreiro e com as pessoas negras. Turbantes são vestimentas sagradas e símbolos de luta e resistência, orixás são divindades ancestrais e figuras de empoderamento. Eles devem ser valorizados e ostentados, sim, mas não em festas na Vila Madalena e regiões centrais elitizadas, por pessoas brancas que não sabem direito o significado e peso político e social daquilo que ‘festejam’ [...] E não, visibilidade não é um argumento. A visibilização acontece quando religiosos de matriz africana e pessoas negras protagonizam suas pautas e levam suas vozes, seus rostos e sua cultura para a mídia, para a música, para a rua, e tornam seus símbolos patrimônio imaterial da humanidade, como aconteceu com a Capoeira.

O trecho destacado acima, em associação com as demais matérias analisadas no debate em questão e bem como nas situações que evidenciadas na introdução, nos põe diante de algumas características específicas que envolvem a noção de apropriação aqui empregada. A

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/cultura-negra-e-popular-pessoas-negras-nao-sao-festas-neotropicalistas-e-apropriacao-cultural-indevida/>>. Acesso em: 23 set. 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/geledes>>. Acesso em: 23 set. 2015.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

primeira delas seria o *esvaziamento* dos significados iniciais pensados para tais bens culturais; esvaziamento em decorrência do deslocamento destes de seus contextos de origem em associação à diluição de suas marcas mais fortes, para que só assim sejam incorporados. Ao esvaziamento de significados, relaciona-se também a invisibilização dos produtores iniciais de tais bens.

O que podemos inferir é que tais manifestações culturais só alcançam “destaque” ao passo que são deslocadas ou dissociadas de quem as produziu inicialmente, privando-os do *protagonismo* de suas próprias criações. A *mercantilização* de tais bens culturais também é uma das características das práticas concebidas aqui como apropriação cultural e relaciona-se diretamente com a ideia de esvaziamento que mencionamos acima. Aponta-se como consequência da mercantilização, a *banalização* das simbologias que envolvem tais manifestações culturais, muitas vezes associadas ao sagrado nas religiosidades africanas.

Apropriar-se, neste contexto, implicaria, portanto, fazer um uso descomprometido de tais bens culturais, esvaziando seus significados, não obstante relacionados às estratégias de resistência de um grupo étnico, fazendo valer-se apenas de seus traços estéticos, sem contanto romper a dominação racial inerente à estrutura social em que se inserem.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### V. Conclusões

Diante do exposto ao longo deste trabalho, podemos estabelecer uma relação entre apropriação cultural e o exercício da dominação simbólica. A dominação, como ato simbólico, se processa de forma a dissimular a verdade objetiva de suas práticas, ela “extorque submissões que se quer são reconhecidas como tais” (Bourdieu, 1996, p.171). Como dito em diferentes momentos, um dos elementos constitutivos do debate sobre a apropriação cultural é a denúncia de que esta aparenta a aceitação e a incorporação da estética negra, mas que na prática, oculta conflitos étnicos-raciais e situações de racismo.

Nestes termos, podemos entender a apropriação cultural sob a lógica de uma dominação simbólica, que se exerce de forma a mascarar suas intenções, por meio de eufemismos, de alquimias sociais que transfiguram relações de dominação em relações afetivas. As considerações feitas até aqui nos permitem concluir que o debate sobre a apropriação cultural problematiza justamente os eufemismos e as alquimias sociais que mascaram e dissimulam a manutenção de assimetrias étnico-raciais, seja por meio da conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais, do antigo e consolidado argumento de que a miscigenação, sobretudo em seu aspecto cultural, favoreceu ao estabelecimento de relações raciais relativamente democráticas e harmoniosas no Brasil, a saber, pelo triunfo dos estudos de Gilberto Freyre e do propagado mito da democracia racial; tal ideia, um marco dos anos 1930, e que se prolonga até hoje no imaginário nacional como “visão idílica que persiste ao tempo” (Mira, 2017), ou pela suposta aceitação e incorporação da estética negra; todas estas funcionam como mecanismos que transfiguram relações de dominação e as fazem parecer relações afetivas.

As reflexões contidas acima nos possibilitam, portanto, a partir do recorte teórico e empírico aqui adotado, sintetizar alguns entre os diferentes e possíveis elementos constitutivos do debate que envolve a temática da apropriação cultural da estética negra no cenário brasileiro, a saber, reivindicação de representatividade, visibilidade e protagonismo por parte dos movimentos negros, denúncias frente ao branqueamento de determinadas



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

manifestações culturais e de como estas resultam na ocultação de práticas racistas e tentativas de dominação. Podemos ainda pensar na banalização e mercantilização de tais manifestações culturais e na necessidade de aprofundar o conhecimento dos significados que tais manifestações carregam; sendo antes a estética negra uma forma de resistência à opressão e ao racismo, compreendendo tal prática não apenas como a inferiorização de aspectos fenotípicos de determinado grupo, mas também de suas representações culturais (Monsma, 2016).

As práticas de apropriação cultural aqui investigadas associam-se a ideia de esvaziamento de significados atribuídos a determinadas manifestações culturais inicialmente restritas a grupos estigmatizados por seus atributos étnico-raciais. Tais esvaziamentos ou perda de significados se processam possivelmente pela ação do Estado, mediante a construção de uma identidade nacional amparada pela promoção de símbolos populares capazes de suscitar um sentimento de pertença e relativa unidade; neste contexto, observamos a transformação de símbolos étnicos, inicialmente restritos a determinado grupo, em símbolos de nacionalidade.

O segundo agente seria o Mercado, que ao expandir sua atuação por meio da ideia de diversidade global, capta os seguimentos e suas particularidades, mercantilizando o “étnico”. E por fim, os próprios indivíduos, que por meio de sua capacidade agentiva, reelaboram mediante distintas formas de recepção, os significados iniciais atribuídos a tais bens e manifestações culturais.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **VI. Bibliografía**

Bourdieu, P. (1996). Razões Práticas. Campinas: Papyrus.

Gaskell, G. (2005). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes.

Hall, S. (1998). A identidade Cultural na pós-modernidade. São Paulo: Dp&a.

Monsma, K. (2016). A reprodução do Racismo. São Carlos: EduFSCAR.

Oliven, R. (1982). Violência e cultura no Brasil. Petrópolis: Vozes.

Ortiz, R. (1994). Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense.

Santos, T. S. D. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. Sociologias, 11(21), 120-156. Recuperado em 20 de Agosto, 2017, de <http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/9643/5514>.